

“riverrun, past Eve and Adam’s, from swerve of shore to bend
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back”
(*Finnegans Wake*, James Joyce)

“Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos”
(*Alegorias*, Heráclito)

***riverrun* – No rio de Heráclito
a pedra de toque
para uma melhor compreensão
do *Finnegans Wake* de James Joyce
por
Tarso do Amaral**

O crítico literário americano Edmud Wilson, caracteriza James Joyce como “o grande poeta de uma nova fase da consciência humana”¹. Essa ‘nova fase’ a que Wilson se refere é a primeira metade do século XX, assim como a produção artístico-literária de então. Um período no qual, segundo Arnold Hauser, “as obras de Kafka e Joyce já não são romances psicológicos na mesma acepção em que eram os grandes romances do século XIX”². Uma nova forma de se fazer literatura se instaurara e, tal qual Franz Kafka e Virginia Woolf, James Joyce foi um dos maiores representantes de tal produção literária.



James Joyce

Suas duas mais emblemáticas obras do período são *Ulysses* e *Finnegans Wake*. A primeira é largamente considerada sua obra-prima maior, a segunda divide opiniões até os dias de hoje. Para alguns, como os poetas brasileiros Augusto e Haroldo de Campos, é o que Joyce tem de mais inventivo, para muitos outros, o poeta americano Ezra Pound dentre eles, um livro de leitura quase impossível, do qual não tinha “nenhuma idéia do propósito do autor”³. Carlos Eduardo Ortolán Miranda, em seu artigo “O Livro Sobre o Mundo

Inteiro”, resume bem algumas das opiniões sobre a obra última de Joyce: “Obra de gênio

¹ WILSON, E., 2004, p. 221

² HAUSER, A., 2000, p. 969

³ POUND, E., 1970, apud CAMPOS, H., 2001, p. 160

enlouquecido, exercício de virtuosismo pedante, anti-romance de sentido inextricável, delírio da arte de vanguardista, piada insana a ridicularizar a cultura oficial e a desafiar a cultura acadêmica”⁴.

Não cabe ao presente texto fazer juízo de valor de nenhuma das duas obras nem da opinião dos que são favoráveis ou contrários à última obra do grande romancista irlandês. Mas sim investigar um aspecto da obra de Joyce que consumiu 17 anos para ser feita. O presente estudo focalizar-se-á em uma parte da obra, mais especificamente, em um único vocábulo seu: *riverrun*. Um vocábulo que tem a primazia entre todas as outras palavras encontradas, escondidas, presentes, de uma forma ou de outra, no palimpséstico universo da obra.

Como é notório, o último romance, se assim pode ser chamado, de Joyce tem uma estrutura circular, i.e. teoricamente, o ‘início’, caso exista, não é sua primeira palavra, seu primeiro parágrafo e/ou seu primeiro capítulo, ou como escreve Haroldo de Campos, “a obra é porosa à leitura por qualquer das partes através das quais se procure assediá-la”⁵. No entanto, o leitor só se dá conta de tal coisa quando de sua leitura. Seguindo a tradição ocidental, começa-se a ler um livro por sua primeira página, seu começo. E é exatamente aí que se encontra *riverrun*. Em um livro sem começo, meio ou fim, Joyce opta por localizar *riverrun* no canônico local de primeira palavra do primeiro parágrafo do primeiro capítulo. Acredito que não fortuitamente.

Segundo Haroldo de Campos, “Ninguém, como Joyce, levou a tal extremo a minúcia artesanal da linguagem”⁶. Citando Luiz Gillet, Campos afirma que na obra de Joyce “a palavra é prodigiosa: uma criação naturalista, um pequeno poema completo como um haicai japonês”⁷ e, ainda, que “cada entidade ‘verbivocovisual’ que ele cria é uma espécie de espelho-instante da obra toda”⁸.

Se, como afirma Haroldo de Campos, cada neologismo, ‘cada entidade ‘verbivocovisual’ criada por Joyce em *Finnegans Wake* pode ser entendida como um reflexo de toda a obra, *riverrun*, provavelmente, não foge a essa regra. Se levarmos em conta o destaque a ela dado por Joyce, talvez tal assunção ganhe ainda mais força.

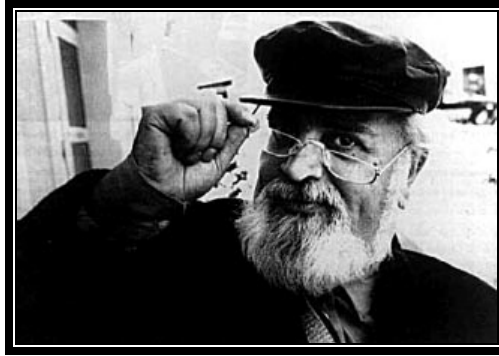
⁴ MIRANDA, C., 2008, p. 54

⁵ CAMPOS, H., 2001, p. 29-30

⁶ CAMPOS, H., 2001, p. 27

⁷ CAMPOS, H., 2001, p. 27

⁸ CAMPOS, H., 2001, p. 27



Haroldo de Campos

riverrun, traduzido para o português como ‘riocorrente’ (Augusto de Campos) ou ‘rolarriuanna’ (Donald Schüler), pode representar o próprio “ritmo dessa prosapoesia [...] algo como um fluxo envolvente e contínuo”⁹ na qual uma “tessitura onde a noção de desenvolvimento linear da narrativa deixa de ter validade. Tudo se passa num tempo total e num espaço total”¹⁰. *riverrun* pode ser encarado como a essência do *Finnegans Wake*, aquele que Haroldo de Campos chama de o ‘romance-rio’ de James Joyce.

Poderíamos nos perguntar o porquê de Joyce dar ênfase a uma palavra tal qual *riverrun*. O que tal ‘entidade verbivocovisual’ guarda em si no que diz respeito à estrutura do romance e à própria concepção que seu autor tinha da obra? O presente texto tem por objetivo tentar associar a iminente posição de tal vocábulo na obra de Joyce com o pensamento do filósofo pré-socrático Heráclito. Tal objetivo visa não só a uma melhor compreensão dessa que é uma das mais complexas obras da literatura universal, mas também ressaltar a relevância do pensamento de Heráclito para a produção artístico-filosófica da modernidade, um vez que Joyce é considerado ‘o grande poeta’ dessa “nova fase da consciência humana”¹¹.

Para tal empreitada, recorrei à já citada obra de Joyce, como a textos teóricos sobre a mesma, assim como a textos de e sobre Heráclito. As obras de figuras de extrema importância para o pensamento ocidental do século XX também serão consultadas e comentadas, dentre elas as de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Georg W. F. Hegel.

⁹ CAMPOS, H., 2001, p. 29

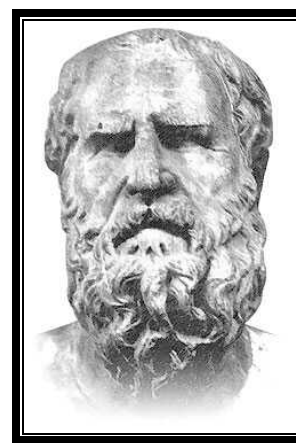
¹⁰ CAMPOS, H., 2001, p. 29

¹¹ WILSON, E., 2004, p. 221

Não é difícil associar o Heráclito com a produção de dois dos maiores pensadores do século XIX, Friedrich Nietzsche e Georg W. F. Hegel. Ambos os filósofos fizeram estudos detalhados não só sobre Heráclito, mas sobre todos os outros pensadores pré-socráticos. Hegel chega a afirmar sobre Heráclito que “é a partir dele que se deve datar o começo da existência da Filosofia”¹²; já Nietzsche escreve que a imaginação de Heráclito “perscrutava o universo agitado infatigavelmente, a ‘realidade’, com o olhar do espectador encantado que vê lutar com alegria inúmeros pares sob a vigilância de árbitros severos”¹³.

A luta sobre a qual Nietzsche escreve pode ser entendida como uma referência ao combate mencionado por Heráclito no seguinte fragmento: “O combate é de todas as coisas pai, de todas rei”¹⁴. O Heráclito de Nietzsche que observa os inúmeros pares a lutar, é o filósofo que, na verdade, observa a natureza, produto do eterno combate gerador, pai, rei. De acordo com Nietzsche, para Heráclito “todo o devir nasce do conflito dos contrários [...] tudo acontece de acordo com esta luta”¹⁵.

As idéias de Heráclito sobre ser o conflito o gerador de toda a realidade podem ser, também, associadas ao pensamento de um outro grande filósofo alemão extremamente influente até os dias de hoje: Karl Marx. Juntamente com Friedrich Engels, Marx afirma no *Manifesto do Partido Comunista* que a “história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes”¹⁶. Segundo Marx, o desenrolar dos eventos relacionados à humanidade, sua história, deriva de um conflito, de um eterno e incessante conflito, a luta de classes. É possível associar essa concepção da história com o combate gerador mencionado por Heráclito.



Heráclito de Éfeso

Tanto Nietzsche, quanto Marx e Hegel foram, e ainda são, filósofos de grande influência no pensamento ocidental. Na obra dos três pensadores alemães, nas de Nietzsche e Hegel mais explicitamente reconhecível do que na de Marx, recorreram à filosofia dos pré-socráticos e, conseqüentemente a de Heráclito. Contudo, não foram só filósofos

¹² HEGEL, G., 2000, p. 111

¹³ NIETZSCHE, F., p. 11

¹⁴ HERÁCLITO, 2000, p. 93

¹⁵ NIETZSCHE, F., p. 11

¹⁶ MARX, K., 2001, p. 23

alemães de grande influência no século XX que se voltaram aos gregos pré-socráticos para a elaboração de suas obras. James Joyce também o fez.

A mais óbvia referência dessa relação na obra de Joyce pode ser verificada na feitura de *Ulysses*. A obra-prima de Joyce se baseia na estrutura de *A Odisséia* de Homero. O personagem principal da epopéia de Homero dá nome à obra máxima de Joyce e o enredo de suas aventuras, descritas na epopéia, servem de estrutura para o desenvolvimento do romance de Joyce. Contudo, não pára em *Ulysses* a influência dos gregos pré-socráticos na obra do autor de *Dubliners*. *Finnegans Wake*, acredito, pode ser também amplamente relacionado ao pensamento de filósofos pré-socráticos, mais especificamente ao de Heráclito.

De acordo com Miranda, o último romance escrito por James Joyce tem por intuito abarcar em seu desenvolvimento “nada mais, nada menos, que a totalidade do fluxo da história”¹⁷. No entanto, o “estilo que inventou para atender ao seu propósito funciona de acordo com o princípio do palimpsesto: um significado, um grupo de imagens, é escrito sobre o outro”¹⁸. Para levar a cabo tal estilo, Joyce faz amplo uso das palavras-valise, ou seja, palavras resultantes “da combinação de partes de outras palavras”, como explica o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Se levarmos em conta que Joyce se valeu amplamente do uso das palavras-valise para a elaboração de *Finnegans Wake* e que, como afirma Haroldo de Campos, “cada entidade ‘verbivocovisual’ que ele cria é uma espécie de espelho-instante da obra toda”¹⁹, pode-se, assim afirmar estar no uso feito por Joyce da palavra-valise uma possível via de compreensão para a obra.

Como mencionado anteriormente, a palavra-valise é formada pela combinação de partes de outras palavras. Pode-se afirmar ser o resultado dessa combinação um vocábulo, um neologismo cujo significado não é fixo, mas cambiante, conflitante. As partes formativas de cada uma das palavras-valise utilizadas por Joyce combatem no interior do vocábulo por uma maior proeminência de significado. Tal embate não só não permite que essas palavras-valise tenham um significado único, como amplia indefinidamente as opções de seus possíveis significados. Gerando, assim, algo de uma permanência impossível.

¹⁷ MIRANDA, C. 2008, p. 55

¹⁸ WILSON, E., 2004, p. 233

¹⁹ CAMPOS, H., 2001, p. 27

Nietzsche escreve sobre como Heráclito entendia o mundo: como algo que “nada mostra de permanente, nada de indestrutível, nenhum baluarte no seu fluxo”²⁰. O mundo de Heráclito é bastante parecido com aquele que Joyce tenta criar em seu romance e cuja história pretende abarcar em sua narrativa. O combate pai de todas as coisas sobre o qual comenta Heráclito é inerente a cada uma das partes integrantes do romance de Joyce, e, como já mencionado anteriormente, cada uma dessas partes pode ser entendida como um reflexo da obra como um todo. Assim como Heráclito, Joyce via no conflito incessante a essência do mundo que queria mostrar, sobre o qual queria escrever. As palavras de Richard Ellmann, um dos maiores biógrafos do autor de *Ulysses*, ajudam a corroborar tal assunção: “Joyce manobrava a literatura como uma batalha”²¹ e ainda, “Joyce alimentava-se do conflito”²².

A idéia de um conflito incessante, inerente e gerador de todas as coisas está presente no já várias vezes mencionado vocábulo *riverrun*. Como uma infinidade de outras também presentes em *Finnegans Wake*, essa palavra-valise pode ser encarada como uma síntese, um reflexo da obra, com todos os conflitos entre possíveis significados e as conseqüências a eles atrelados. O site *Finnegans Wiki* (http://www.finnegansweb.com/wiki/index.php/Main_Page), uma espécie de *Wikipedia* do *Finnegans Wake*, por exemplo, relaciona 31 possíveis significados conflitantes no interior de *riverrun*. Tais significados vão desde o mero curso de um rio, às teorias de Vico e Freud, passando por Coleridge e Swift.

É claro que não se pode afirmar categoricamente que alguns possíveis significados ao vocábulo associados tenham efetiva relação com *Finnegans Wake*. Contudo, tão pouco se pode afirmar o contrário, devido, justamente, à natureza do romance e do estilo por Joyce criado para a sua elaboração. A associação feita com as idéias de Heráclito feita pelo presente texto insere-se nessa gama de possibilidades oferecida pelo próprio romance.

Nietzsche cita Schopenhauer para melhor elucidar a natureza do combate inerente a todas as coisas: “É necessário que a matéria persistente mude incessantemente de forma, por que fenômenos mecânicos, físicos, químicos, orgânicos, guiados pela causalidade,

²⁰ NIETZSCHE, F., p.10

²¹ ELLMANN, R. 1989, p. 264

²² ELLMANN, R. 1989, p. 303

lutam com avidez pelo primeiro plano [...] já que cada um quer manifestar a sua idéia”²³. A matéria em incessante mutação no caso de uma obra literária como *Finnegans Wake* é a palavra, mais especificamente, a palavra-valise e os fenômenos cujas idéias desejam manifestar podem ser relacionados aos significados inerentes a cada uma das partes constituintes da palavra-valise.



Friedrich Nietzsche

Assim como o rio de Heráclito, assim como o mundo de Heráclito, no qual “entramos e não entramos, somos e não somos”²⁴, essas palavras, e mais especificamente *riverrun*, devido a sua imediata associação à idéia do rio (rio = *river* em inglês) estão em constante devir, em constante fluxo e não possuem uma identidade fixa, um significado único, um estático ser. Nietzsche afirma que Heráclito “negou o ser em geral”²⁵. Joyce, por sua vez, parece estar fazendo o mesmo, ou pelo menos, minando as bases da estrutura do modo convencional de se relacionar não só com a palavra, mas com o romance em si, com a literatura e, conseqüentemente, com a vida.

O correr do rio com o qual Joyce ‘abre’ sua última obra diz muito sobre a estrutura da mesma. A proeminência dada a essa palavra parece alertar o leitor a respeito do tipo de mundo, de literatura com a qual ele, a partir do início da leitura, caso a faça desde a primeira página, travará contato: um mundo cujos significados são fluidos; uma literatura cujas palavras são cambiantes, conflitantes; um romance cujos personagens são e não são, estão e não estão e cuja única real presença é a do conflito gerador de infinitas e incessantes possibilidades de leitura. *riverrun* não é mera palavra, “A palavra-metáfora. A palavra-

²³ SCHOPENHAUER, A. apud NIETZSCHE, F., p. 11

²⁴ HERÁCLITO, 2000, p. 92

²⁵ NIETZSCHE, F., p. 10

montagem. A palavra-ideograma”²⁶ é um ‘espelho-instante’ do devir da própria obra, do ‘romance-rio’ e, por que não, de tudo o mais.

Como Edmud Wilson nos lembra em seu *Castelo de Axel*, em *Finnegans Wake* Joyce tenta exprimir a linguagem dos sonhos, ao contrário do que fez em *Ulysses*, romance no qual trata do estado de vigília de seus personagens. De acordo com Wilson, Joyce tentou “exprimir diretamente em palavras estados mentais que, em realidade, não recorrem habitualmente a palavras [...] o romancista mergulha diretamente na consciência do próprio sonhador”²⁷. As palavras de Wilson abem caminho para uma última associação entre Joyce e Heráclito. Se Joyce tentou exprimir a linguagem dos sonhos, Heráclito considerava “os que dormem [...] colaboradores das (coisas) que no mundo vêm a ser”²⁸.

riverrun...

²⁶ CAMPOS, H., 2001, p. 27

²⁷ WILSON, E., 2004, p. 226

²⁸ HERÁCLITO, 2000, p. 95

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, H. Panorama em Português. In: **Panorama do Finnegans Wake** CAMPOS, A.;CAMPOS, H.. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 27-32.

ELLMANN, R. **James Joyce**. Trad. Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989.

HAUSER, A. **História Social da Arte e da Literatura**. Trad. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERÁCLITO. Fragmentos. Trad. José Cavalcante de Souza. In: **Os Pensadores – Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. p. 87-101.

HEGEL, G. W. F. Crítica Moderna. Trad. Ernildo Stein. In: **Os Pensadores – Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. p. 102-116.

JOYCE, J. **Finnegans Wake/Finnicius Revém**. Trad. Donald Schüler. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

MIRANDA, C. E. O. O Livro Sobre o Mundo Inteiro. **Entre Clássicos**. São Paulo: Duetto Editorial, 2008. v.9. p. 54-59.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

NIETZSCHE, F. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos**. Disponível em: http://www.casadosino.com.br/planos_estudo/biblioteca/nietzsche_filosofia_epoca_tragica_gregos.pdf. Acessado em 16/03/09.

WILSON, E. **O Castelo de Axel**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

http://en.wikipedia.org/wiki/Finnegans_Wake, acessado em 15/03/09

http://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel , acessado em 16/03/09

<http://www.finnegansweb.com/wiki/index.php/Riverrun>, acessado em 16/03/09

